

# É pela força que nos mantêm o jugo

— ex-bandidos armados falando dos seus antigos chefes

«Com intimidações, ameaças de retaliação para com as nossas famílias se fugíssemos e que seríamos mortos, caso nos entregássemos às Forças Armadas de Moçambique, os bandos armados conseguiram, assim, pela força, manter-nos em seu poder por longo tempo». Estas palavras, proferidas pelo jovem Joséfa Francisco Uate, poderiam pertencer a qualquer dos 38 elementos recentemente capturados pelas nossas Forças num dos distritos da Província do Maputo.

Encontramo-nos numa sala de uma das casas pertencentes ao quartel onde se encontram. A nossa intenção é conversar com alguns dos 38 ex-bandidos armados que ali estão nas mãos das nossas Forças de Defesa e Segurança, alguns dos quais,

tal, não podíamos crer que fossem as mesmas: limpos, relativamente bem vestidos, sorridentes e despidos do medo anterior.

Durante mais de duas horas, a nossa reportagem teve uma conversa franca com os bandidos armados capturados, na qual eles contaram, não só a sua trajetória criminosa, que é bastante conhecida por todos e não difere de tantas outras, mas sobretudo a sua situação actual e o sentimento que nutrem pelos antigos colegas que ainda continuam no mato.

## CAPTURADO NO ATAQUE A MACHAVA

Joséfa Francisco Uate é um jovem, quase criança ainda. Foi raptado, com mais outros 15, quando se encontravam nas cantinas de Gueane, distrito de Manjacaze, província de Gaza, no ano passado.

Depois da passagem pelos principais acampamentos inimigos das províncias de Gaza e Maputo, como Hatohale, Simbirine, Matongomane — na sua maioria já destruídos — este jovem, que aparenta 17 anos, foi finalmente parar à Manhica, donde, integrado numa força, viria depois participar na frustrada tentativa de ataque à Cadeia Central da Machava, onde viria a ser capturado.

Violentamente arrancado dos sonhos inocentes da juventude para a realidade cruel da vida, Joséfa Uate,

«Amílcar Cabral», na cidade de Maputo, onde tirou a 4.ª classe, Augusto Simbinde embarcou, depois do seu rapto, a bordo de um navio para a África do Sul, onde foi tirar o curso



Pereira Zita — de refinador de cerveja, a «comandante» dos BA's

de pára-quadismo, juntamente com mais 92.

Regressado a Moçambique, com mais 64, cinco dos quais mulheres, para onde foram lançados de pára-queda, pois o Acordo de Nkomati interrompera o curso de cinco anos, foi ferido em combate e capturado num ataque a um acampamento de bandidos, no distrito de Marracuene.

Fazendo um apelo a seus ex-colegas do curso, nomeadamente Francisco Gil, Mateus Mapalaze, Pedro Alexandre, Augusto José e outros, para que regressem à terra que os viu nascer, pois serão bem recebidos, mostrou, assim, o seu arrependimento.

«Vivíamos num clima de terror e eles sabiam que nós fugiríamos à menor oportunidade. Por isso, éramos sempre alvos de grande vigilância e se nos encontrávamos em grupo da mesma origem étnica, desconfiavam que estávamos a elaborar planos de evasão», disse Augusto Simbinde.

## DE REFINADOR DE CERVEJA A COMANDANTE DOS BA's

Jaime Pereira Zita é um jovem de 24 anos. Nascido em Chibuto, foi aluno da Escola Secundária de Chokwe, onde completou a 5.ª classe. Como trabalhador da SOGERE, foi em 1976 seleccionado para a Alemanha Federal para um curso de fabrico de cerveja.

Foi raptado pelos bandidos em 81 quando se deslocava a Chibuto em visita aos pais. Depois de um treino na África do Sul, participou em diversas operações, tendo sido posteriormente nomeado «comandante» de um dos grupos.

«Fui preso em Salamanga, não fui missão de reconhecimento como se supôs, mas sim em fuga para a África

do Sul, para lá ir trabalhar, pois assistira no dia anterior ao comício de Xipamanine e deduzi que a minha carreira como bando armado, estava condenada», disse Pereira Zita.

Como «comandante» de um grupo, este elemento exerceu naturalmente certa influência sobre os seus ex-colegas. Foi nesta base que ele lançou um alerta aos que lá ainda se encontram.

Pedro Albano Macedo, 17 anos, natural de Marracuene e residente no Bairro de Hulene, Celula 8, casa 718, na cidade do Maputo, foi «rescapado» pelos bandidos armados, quando, em Abril do ano passado, fugia para África do Sul, juntamente com um seu amigo de nome Francisco.

Depois de receber um ligeiro treino na África do Sul, foi integrado em Moçambique com a missão especial de reconhecimento.

Foi com esta tarefa que um dia apareceu na zona de Passene, na Moamba. Mas, depois de algumas tentativas, viria a ser detectado pelas nossas Forças. São suas estas palavras:

«Embora não conhecesse com exactidão a zona onde me encontrava, foi sempre minha intenção fugir para o lado de cá. Mas, devido às intimidações e ameaças que recebíamos, andei sempre com medo de me entregar às FAM, mesmo depois de estar na zona sob controlo destas Forças».

«Para nós manter atarrazizados e com medo de fugir, eles usavam diversos métodos, entre os quais a droga, a superstição. Diziam que para quem fugisse, seria disparada uma bala que tinha poder para perseguir, e matar, independentemente do sítio onde se encontrasse», disse Pedro Macedo.

A pergunta por nós feita, se ele acreditava nesses folcões, ele afirmou que «vi tanta coisa esquisita, que



«Vi tanta coisa estranha, que acabei por acreditar nas suas rezas», Pedro Albano Macedo

lá acreditava. Por isso, mesmo depois de estar em poder das FAM, continuava a negar a minha participação nos bandos armados».

«Agora é que vejo o erro em que eu, e os outros, estávamos metidos», disse, a sorrir. «Por isso, gostaria de ver todos os meus ex-colegas que continuam nas mãos inimigas, de regresso ao lar», acrescentou.



Joséfa Uate — raptado em Manjacaze

foram capturados em plena luta, outros detectados em missões de reconhecimento e outros ainda se entregaram voluntariamente.

A nossa frente, o Alferes Zacarias Amoné, do Comando Militar da província do Maputo, simpaticamente vai conversando connosco, à medida que escolhe os casos que pensa merecerem mais atenção, para a nossa curiosidade de jornalistas.

As histórias dos quatro elementos por nós ouvidos, embora tenham origens, fins e peripécias diferentes, têm um denominador comum: os bandidos armados aproveitaram-se da juventude, falta de experiência na vida e espírito obscurantista que infelizmente ainda está inculcado na mente de alguns, especialmente os de origem camponesa, para persuadi-los a cometerem barbaridades contra gente inocente.

Ritos obscurantistas, drogas e poções que obrigatoriamente ingerem e balas que perseguem as supostas vítimas, estejam onde estiverem, são alguns exemplos que supersticiosamente obrigavam os capturados a seguir cegamente os bandidos e a enveredar pelos meandros do crime que os caracteriza.

Pela conversa tida com os quatro elementos, constatamos que já estão convictos do erro em que tinham caído, pois não hesitaram em lançar apelos aos outros que ainda se encontram sob o jugo inimigo para que fujam e venham entregar-se às nossas Forças, pois serão bem recebidos e tratados.

Quando, um a um, aqueles rostos desfilaram à nossa frente, nós que tivéramos a oportunidade de ver as mesmas caras durante diversas apresentações públicas anteriormente lei-



«Como tinha 4.ª classe, fui para o curso de pára-quadismo», Augusto Simbinde

depois de saudar os seus pais, Francisco Uate e Paulina Manhique, camponeses em Manjacaze, e seus irmãos, apela aos outros jovens com ele raptados, para que se entreguem às nossas Forças.

Raptado em Inhambane quando vinha em visita à mãe, Augusto Luis Simbinde é o segundo elemento com quem conversámos. Natural de Morrumbene, ele residia com o seu pai em Namputa.

Antigo aluno da Escola Primária